

9 Julho'11 a 29 Janeiro'12

Abertura da Exposição: dia 9 de Julho, pelas 16h00

Sala do Governador
Fortaleza de Peniche

exposição

eu e o mar

Profissões Tradicionais de Peniche



Foto: Luís Correia Pencho | Museu Municipal de Peniche



PENICHE
Capital do Oeste

8 a 17 JULHO 2011 FESTIVAL

sabores do mar



TRÁS
CENTRO

OR
QUER
COMUNIDADE
ESTRATÉGIA
NACIONAL



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

TURISMO DE
PORTUGAL



exposição

eu e o mar

Profissões Tradicionais de Peniche

Tendo o Mar como referência, nesta Exposição são apresentadas seis profissões tradicionais de Peniche através de seis histórias de vida de antigos e actuais profissionais da área. Nela dialogam memórias pessoais, colectivas e profissionais, procurando transmitir a pluralidade de proveniências, saberes e patrimónios – materiais e imateriais – associados à Cultura Costeira e a estes ofícios em particular. A Exposição “Eu e o Mar” é a face visível de um levantamento mais exaustivo de memórias e saberes tradicionais, em curso, que permitirá documentar e ampliar o conhecimento sobre estas realidades bem como o espólio documental e fotográfico do Museu Municipal de Peniche, com vista a um relacionamento e identificação mais próximos com a comunidade penichense e a uma reformulação futura deste espaço museológico. Subjaz a esta Exposição a defesa de uma museologia participativa, interactiva e dialógica, que enfatize a relação do ser humano com a sua herança cultural, numa acepção que englobe o tangível (objectos, edifícios) e o intangível (tradições, saberes, crenças) e que concorra para o reconhecimento e preservação destes patrimónios.

Através das memórias e testemunhos pessoais de cada um dos entrevistados, esta Exposição visa contribuir para a valorização destas profissões e comunidades a elas associadas. As histórias de vida de cada um dos intervenientes encontram-se na 1ª pessoa; são o resultado de entrevistas semi-dirigidas e foram devolvidas e revistas em conjunto.

As árvores genealógicas que acompanham as biografias de cada participante permitem observar a transmissão inter-geracional da profissão mas também a diversidade de procedências dos antepassados destes penichenses, pois: “Peniche é um aglomerado de gente de toda a costa portuguesa, desde de Norte de Viana do Castelo até Vila Real de Santo António. Havia gente de todos os portos.” (F. Mamede).

Os objectos e fotografias patentes nesta Exposição permitem ilustrar estas realidades. São, na sua maioria, propriedade dos diferentes participantes e estão temporariamente à guarda do Museu Municipal. Foram os diferentes actores aqui entrevistados a proceder à selecção dos mesmos, prestando também apoio na sua legendagem.

A construção naval; o atar das redes; o amanho do peixe; os armadores; os velhos de terra; os lojistas e comerciantes de aprestos; os vendedores de lota; os vendedores de peixe e as peixeiras; os artesãos; a conservação e congelação do pescado; a pesca, nas suas vertentes mais moderna ou mais tradicional: muitas são as profissões, ligadas ao Mar, que poderiam ter sido enunciadas. No entanto, o processo de memorização e rememoração implica sempre uma selecção. Não depreciando o contributo de outras profissões igualmente essenciais para a construção da identidade desta região, a sua apresentação exaustiva verifica-se como pouco sensata numa exposição como a presente. A Exposição “Eu e o Mar” apresenta-se como um primeiro mergulho neste universo.

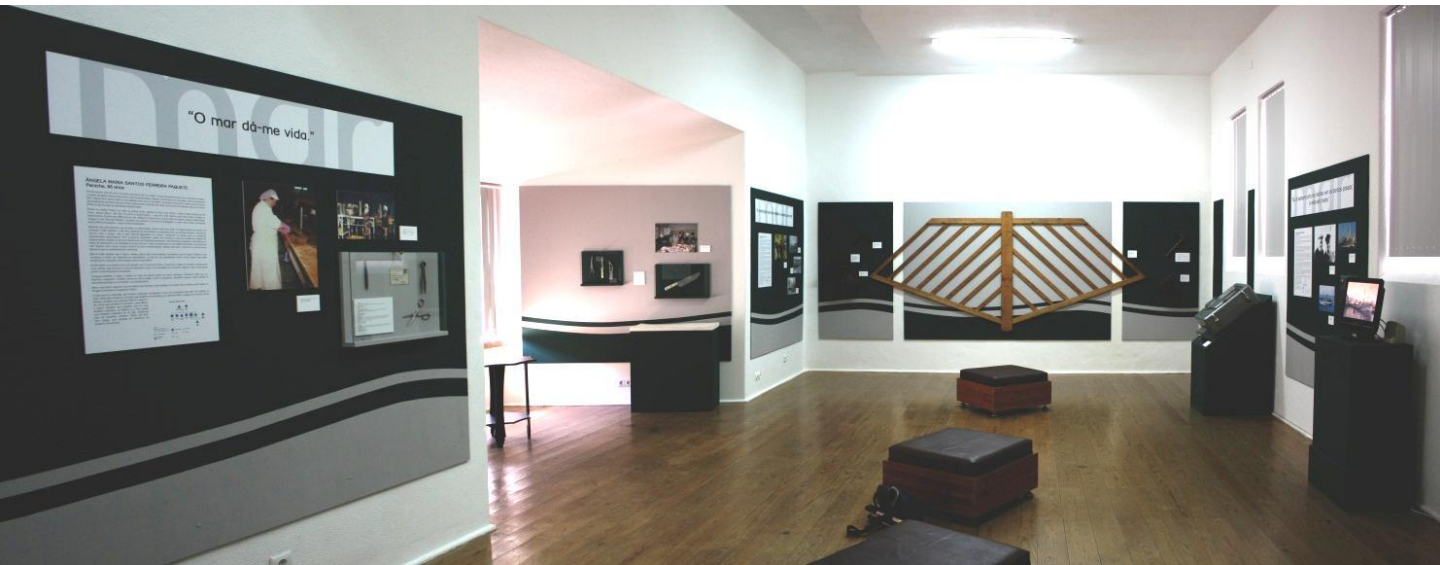
Pretende-se, com esta Exposição, prestar o devido reconhecimento a estas pessoas, suas profissões e saberes, qualificando-as como património cultural, contribuindo para a sua preservação e valorização. Agradecendo a todos os que permitiram que este projecto fosse avante, apresenta-se um agradecimento muito especial aos que, pelo seu testemunho, abertura e disponibilidade, contribuíram, de forma particular nesta Exposição, para o enriquecimento e divulgação da Cultura Costeira em Peniche: Ângela Paquete, Ermelinda Martins, Francisco Mamede, José Maria Cativo, José Maria Pereira e Olívia Borges.



exposição

eu e o mar

Profissões Tradicionais de Peniche



“A construção naval em madeira é mesmo uma arte.”

JOSÉ MARIA MALHEIROS CATIVO

Peniche, 64 anos

Fiz a Primária, como todas as crianças. Fiz o exame de admissão e o primeiro ano da Escola Industrial e Comercial. Mas eu, como morava muito perto do Estaleiro do meu tio, deixava de ir à escola para ir para o Estaleiro. Fiz 11 anos em Março e, em Junho, estava no Estaleiro.

Fazia de tudo, apesar de pequenino – ainda hoje sou pequenino e era muito pequenino na altura. Éramos muitos rapazes a aprender: dez ou doze, praticamente todos das mesmas idades. O Estaleiro tinha para aí sessenta homens a trabalhar.

Lembro-me perfeitamente de um senhor já de idade, que me fez a primeira plaina para eu trabalhar. Eu lembro-me perfeitamente de ele me fazer a plainazinha pequenina – que trabalhava, por sinal, muito bem – e eu adorava aquilo e todos os bocadinhos que tinha estava a aprender a aplainar. É, tinha mesmo gosto.

A única interrupção que eu tive foi quando fui para a tropa. Fiz o serviço militar no Ultramar e quando vim do Ultramar, já com 23 anos, quase 24, fui para o Estaleiro.

Até que entretanto se dá o 25 de Abril, já numa fase que eu era para deixar o ofício. Estive para deixar o ofício, estive para embarcar porque, naquela altura, os navios mercantes tinham um carpinteiro a bordo e eu consegui uma cédula de carpinteiro e inscrevi-me na Marinha Mercante. Foi, não chegou a uma semana para eu embarcar quando me telefonam.

A Cooperativa é “União da Gamboa – Estaleiros Navais de Peniche”. O negócio foi feito em Outubro ou Novembro de 1976. Até 31 de Dezembro, trabalhámos por conta de “Manuel Malheiros e Irmão”. No dia 2 [de Janeiro de 1977], porque o dia 1 era feriado, passou a Cooperativa, acordámos os trabalhos que estavam, avaliámos. O Estaleiro não parou dia nenhum.

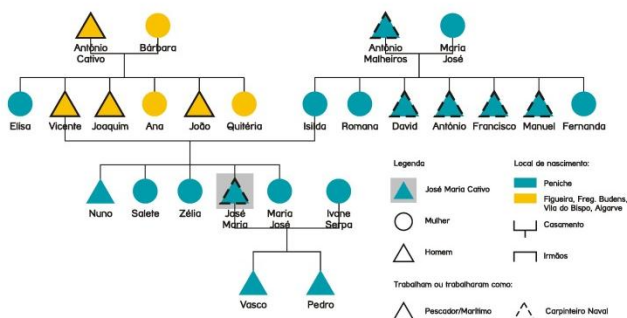
Esse meu tio, o Chico Malheiros, ficou como Mestre na Cooperativa. Ficávamos sempre até mais tarde a combinar o serviço porque, naquela altura, ele era Mestre e eu era Contra-mestre. E então houve um dia em que ele foi para casa e no outro dia de manhã não apareceu. Tinha-lhe dado um AVC. Para falar verdade, quando o meu tio me faltou naquela fase fiquei muito aflito. Quando se soube que o Chico Malheiros já não ia trabalhar, havia necessidade de ter um Mestre, fizemos uma reunião da Cooperativa: “Precisamos de resolver isto”, tínhamos um barco para acabar. Toda a gente foi unânime que fosse eu; era a pessoa indicada para ficar como Mestre, apesar de ser muito novo.

Em 1990 vou a Angola dar formação [a carpinteiros navais]. Estive lá um ano a dar formação mas a Cooperativa continuou. Tinha tido aquela licença e foi uma experiência que acabou por ser muito boa, mas nunca dei para estar fora da família. Foi uma fase muito ruim. Foi muito boa em termos financeiros mas... Em termos profissionais também foi muito bom, porque me deu oportunidade de dar formação, no Forpescas. Três anos.

[A última embarcação a ser construída na Cooperativa União da Gamboa foi em] 2003. Estivemos três anos à espera de haver alguma coisa e depois acabou, foi a desilusão.

Mas, pronto, foi bom! Eu gostei muito, muito daquilo que fiz. Nunca me arrependi. Nunca. Mesmo a trabalhar ao tempo, à chuva, ao frio, a ganhar pouco e assim. Olhando para trás não era capaz de ter vivido outra coisa, não me estou a ver noutra emprego, a fazer fosse outra coisa que fosse. Acho que não era capaz. É carpinteiro naval, é carpinteiro. E adoro barcos. Em madeira. A madeira é mesmo uma arte!

ARVORE GENEALÓGICA



“Eu ia sempre para as rochas ver os barcos passar, o vício era muito.”

JOSÉ MARIA DA SILVA PEREIRA Peniche, 50 anos

Andei na escola, tirei o terceiro ano – naquele tempo era o terceiro ano. Estive dois anos aqui na Secundária, depois fui fazer dois anos no Colégio nos Remédios. No Colégio nos Remédios eu ia sempre para as rochas ver os barcos passar, o vício era muito.

Fui para o mar com 14 anos. O meu pai tinha duas embarcações, era patrão de duas embarcações: o “Porto de Mar” e o “Rio Minho”. Eu fui para o “Porto de Mar” e o meu pai governava o “Rio Minho”, sempre governou o “Rio Minho”. O meu mestre era o Silvino Cego.

Fui para lá, andei lá um ano.

Depois regresssei para a companhia do meu pai aos 16 anos e aos 16 anos foi a primeira vez que governei. Correu-me lindamente! Tive uma experiência mesmo muito boa. Até a primeira vez que larguei a rede foi ao Nordeste da Ilha, ou seja, pela parte Norte da Ilha da Berlenga. Chegámos àquele mar, ficámos pelo Nordeste da Ilha, largámos lá. Apanhámos peixe logo, no primeiro dia vim para a terra! E depois, a partir daí, comecei a governar, umas vezes mais, umas vezes menos.

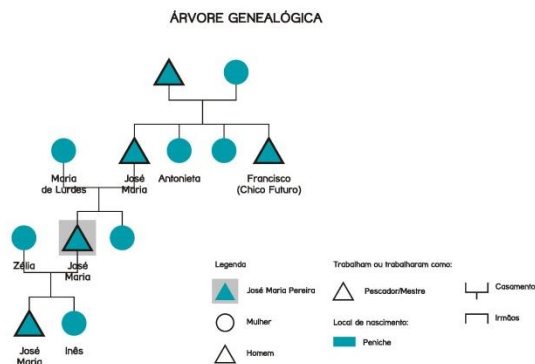
Eu fui tirar a Carta em 1988, tinha 28 anos. Eu tinha uma Carta de Arrais, que tirei aos 18 anos, ali ao pé da Associação. Com Carta de Arrais, naquela altura, podíamos-nos matricular como Contramestre. A partir dos 18 anos fiquei matriculado como Contramestre. Mas, no entanto, eu fui para a Forpescas, tirei a Carta de Contramestre e de Mestre logo tudo de seguida e era para ir para Mestre de Alto. Mas o meu pai adoeceu mesmo a rigor e o meu pai, para não me prejudicar a vida, deu o barco a governar a terceiros. Eu achei, na minha maneira de ver, não tinha nada que estar na escola – se já tinha a Carta de Mestre! – e desisti da Carta de Alto Mar para vir governar o barco. A partir daí, foi sempre!

Houve outro “Rio Minho”. Mas aquele, o “Rio Minho” que eu andei, quem estreou foi um tio meu, que era o Chico Futuro, que já era mestre também e era campeão, cá dos campeões de Peniche. Depois, adoeceu também e foi o meu pai que foi governar. O meu pai andava noutros barcos e o Zé Bento chamou-o. Depois, em 1975, vendeu o barco ao meu pai. O meu pai fez uma sociedade com esse senhor, Silvino Cego, em 1975. Depois, desmancharam a Sociedade porque o homem adoeceu, o Silvino Cego adoeceu. O meu pai ficou só com o “Rio Minho” e o “Porto de Mar” foi vendido.

[Modificações na estrutura da embarcação] A gente tinha a popa que antigamente chamávamos popa de leque. Antigamente os barcos todos tinham popa de leque. O meu pai mandou cortar a popa do barco e acrescentou mais um metro e pouco e fez a popa quadrada. Estivemos oito meses parados em 1980 ou 81. Entretanto, fomos chamados – como estávamos desempregados e o meu pai era bom pescador –, fomos chamados para o Bairrista. Estivemos ali cinco, seis meses no Bairrista.

[O actual “Rio Minho”] Foi a primeira traineira em Portugal feita em fibra, na Conafi, em Vila Real de Santo António. Foi no dia 15 de Setembro de 1990 a baixo. No dia 5 de Outubro entrámos na Doca de Peniche; entrámos no dia 5 e fomos no dia 28 para o mar. Na primeira pesca que fizemos, fizemos 800 e tal contos de carapau! A primeira pesca do “Rio Minho”, em 28 de Outubro de 1990. Depois pronto, fomos por aí a fora, com calma. E é com este barco que continuo. Este ano fiz uma grande obra ao barco.

O “Rio Minho”, actualmente, é o barco mais velho. “Rio Minho”, não a embarcação em si, o nome é o mais velho! De traineiras, é o “Rio Minho”.



“Trabalhei até aos 72 ou 73 anos nas redes, aí. Aqui no Campo, lá em baixo na Ribeira, onde paravam as redes partidas.”

ERMELINDA MARTINS

Peniche, 91 anos

Os meus pais são de Viana do Castelo. Lá em Viana era ruim, era como a Nazaré, e então eles fugiram porque aqui era uma terra melhor, tinha mais peixe, e vieram para cá para governar a vida!

Trabalhavam todas nas redes, as vianesas – só tinha uma tia que era costureira. Vieram para cá e vieram todas trabalhar em redes! Eram as pessoas que trabalhavam nas redes, nas traineiras, quando vinham as redes partidas e para atar as redes, para fazerem as redes novas e para fazerem obras às redes. Eram as mulheres, porque elas lá [em Viana do Castelo] já sabiam! O meu pai era pescador, andava nas lanchas, andava aí nas redes. Largar as redes às raías, à lagosta, às sapateiras... Andava nessa vida que andavam antigamente!

Comecei a trabalhar na almofada. Era com seis anos, sete anos. Tomávamos conta dos irmãos e ainda tínhamos de fazer aquele bocadinho de renda também.

Primeiro foi a minha irmã, era a mais velhinha, tomou conta dos irmãos. Depois a minha irmã chegou ali aos 10 anos, 11, a mãe levou-a para o trabalho. A minha irmã já andava a trabalhar, fiquei a tomar conta dos meus irmãos. Quando tinha dez anos, levou-me uma tia minha.

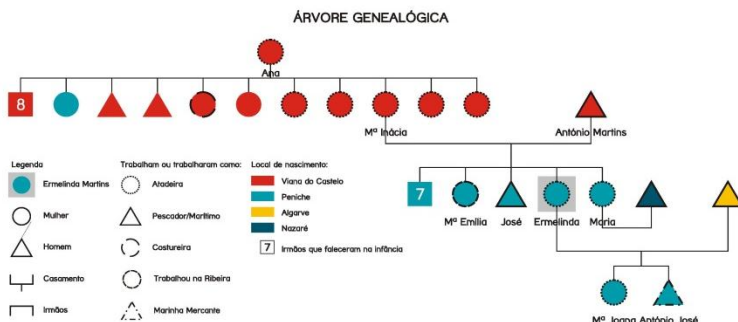
Levaram-me para o armazém que era para aprender. Júlio Padeiro. Tinha três barcos, e as minhas tias levaram-me para aprender para lá. Depois, quando viram que eu já ia fazendo uma malhinha devagarinho, que eu já ia fazendo alguma coisa devagarinho, fui fazendo, deram-me 10 tostões. Depois, no fim de mais uns tempos, aumentaram-me. Estava ali há um ano a trabalhar mas já fazia tanto serviço como uma mulher. Sabia fazer tudo, já sabia fazer tudo! As minhas tias eram umas grandes atadoiras, elas ensinavam-me a fazer tudo: a pôr bocados de rede, a fazer pegas na rede quando partiam a rede, a fazer tudo! Usávamos as agulhas e uma navalhinha para aparar as pontas.

E lá andei. Um dia, outra minha tia estava a trabalhar, tinha uma grande avaria. O barco dela tinha uma grande avaria num cabo, lá no Juncal, e ela veio ao armazém e disse assim: “Ermelinda anda cá, anda cá! Olha, vens comigo trabalhar para o Juncal, para uma avaria. Quando acabares este trabalho não tens outro, mas esperas por avarias que estão sempre a vir avarias e os barcos com as redes partidas.” Onde estavam as avarias é onde a gente tinha de ir, para onde as redes estavam estendidas é que a gente tinha de ir. Mas como acabávamos mais cedo, ganhávamos alguma coisinha a mais, antes queríamos andar por fora! Não queríamos patrão certo. Tinha uns 13 anos, uns 13 ou 12!

Depois, com 14 anos, levaram-me para um armazém, o armazém do Valeriano. Tinha barcos, muitos barcos. Com 14 anos já fui servir de patroa do barco! Já fui servir de mestra, lá no barco! Já media as redes, já apontava as redes, as avarias que vinham do mar já eu as apontava. As mulheres que eu chamava para as avarias já iam trabalhar com pegas feitas e tudo. Já media as redes no armazém quando faziam obras.

Depois, a minha filha tinha quatro anos e o meu filho era pequenino, aborreci-me, saí. Andava aqui e ali – todos os dias trabalhava. Não quis mais a diário. Porque eu tinha sempre trabalho, vinha tudo chamar-me à porta, vinham os atadores todos quando partiam as redes! Vinham-me até pedir para fazer alvitanas para os barcos da lagosta! Todos os dias trabalhava.

Trabalhei até aos 72 ou 73 anos nas redes, aí. Aqui no Campo, lá em baixo na Ribeira, onde paravam as redes partidas.



“Eu nasci na praia e do mar tirei o meu sustento.”

OLÍVIA MECA FERREIRA BORGES Peniche, 74 anos

Tudo começou com a minha avó, que era da Nazaré e ia vender ao Valado e a Alcobaça. A minha avó casou com 13 anos com o meu avô que era bacalhoeiro, e enviuvou com 25 – o meu avô morreu na apanha do bacalhau. A minha avó ficou com 6 filhos, também tudo pescadores e peixeiras. Vieram todos para Peniche, e só ficou um tio lá na Nazaré.

A minha mãe era uma pessoa muito doente mas tinha uma voz muito bonita e ela apregoava o peixe como ninguém, e eu e o meu irmão [mais novo] é que ajudávamos a carregar o peixe para ela vender. O mercado era ali ao pé da escola velha, aí é que era a praça, ao ar livre. A gente também vendia aí. Mas quando estava má venda, íamos vender pelas portas.

Com 13 anos fui para Santarém para a apanha da azeitona. Mas depois regressei logo, ainda nem tinha 14 anos. Depois, daqui comecei a andar a vender pelos Casais, pelos Casais quer dizer por estas terrinhas todas. Corria isso tudo com a canastra à cabeça, a pé! Se um dia corresse mal aqui, amanhã ia vender para ali. Era como calhava, mas a minha venda mais actual era Abelheira, Serra do Calvo e Zambujeira.

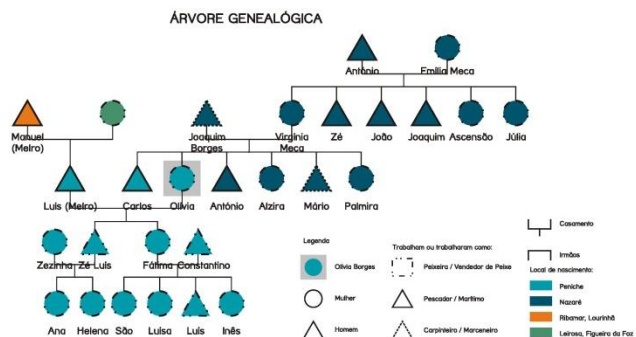
Depois quando comecei a ficar mais pesada da gravidez da minha filha, decidi por um lugar no mercado. Pus um lugar no mercado e aí comecei a fazer a minha vida normalmente. Mas mesmo assim quando era má venda ia à mesma para os Casais. Ia aquele, ia ao outro, corria todo, não tinha paragem. Nesta altura, eu trabalhava num armazém, mas ia todos os dias vender para o mercado por minha conta. Trabalhava no armazém, porque naquela altura a vida era um bocado difícil. Andei nessas andanças por 8 a 12 [anos]. Mas a minha história é ser eu a comprar e vender por conta própria! Eu tive contribuição industrial, tinha contribuição de retalhista e grossista.

Depois a minha filha fez a quarta classe e foi trabalhar para ao pé de mim, e aí ficou até eu me reformar. Quando o meu filho se casou, a minha nora também veio trabalhar comigo. Éramos agora as três a trabalhar, a vender peixe. E mais tarde pôs também o meu genro a trabalhar connosco, já éramos quatro a trabalhar para o mesmo. Depois comecei a passar uma neta minha também para ao pé de mim (aos fins de semana), e depois mais outra, e depois mais um neto (seis no total). Pu-los todos a trabalhar na venda do peixe, vinham da escola ao fim-de-semana, e eu dizia: “Vá meninos, a vender peixe”. Às vezes os nossos fregueses achavam muita graça... “Olha, é a filha, é a nora, é o genro, é os netos, é a família toda a vender peixe...”

Cheguei a ter uma boa venda, forneci muitas casas em Peniche. Tinha quatro bancas no mercado. Consolava-me de vê-las, cheias de peixe. Cheguei a ter banca na Malveira, na Consolação, entre muitas outras.

O peixe seco, veio da minha avó, e da família dela, que já vendiam lá na Nazaré, e depois pegou para a minha mãe, para a minha tia e depois eu continuei sempre. Sequei muito, peixe. Ia vender à Praça da Figueira, ia à Praça 24 de Julho, à Rua do Arsenal, a todas aquelas casas de bacalhau, ia vender para lá o peixe. Todo o tipo de peixes, todo o que desse para secar...

O meu marido foi para o mar aos 14 anos e reformou-se ao 56. Foi quando ele passou a ajudar-me. Eu não queria perder a minha vida no mercado e ele é que tomava conta do peixe seco, até do pessoal que eu tinha aqui para amanho o peixe, ele é que comandava o trabalho. O meu peixe seco foi a todo o lado do mundo pelas mãos dos nossos emigrantes. Ainda hoje é assim. E não são só os de Peniche! São pessoas que vem do Norte, do Sul,



“Eu com 6, 7 anos já ia ao mar com o meu pai.”

FRANCISCO MAMEDE

Peniche, 85 anos

O meu pai e os meus tios eram pobrezinhos. Passaram muita dificuldade quando vieram cá para Peniche. Vieram de Buarcos, ao pé da Figueira da Foz. A família da minha mãe é da Nazaré.

Vieram cerca de 1910. Eles eram marítimos, eram pescadores, não é? – e, em 1927, compraram a primeira traineira. Deram-lhe o nome de Venturosa. O meu pai era feliz na pesca, o que se chama campeão, e passado sete ou oito anos já tinham quatro ou cinco traineiras e começaram assim a actividade deles.

Era a “Sociedade dos Três Irmãos”: era o Manuel, o Francisco – era o meu pai – e era o meu tio José. Por acaso tenho ali essa letra guardada como recordação, a primeira letra que eles aceitaram para iniciarem a vida.

Em 1943, o meu tio José saiu da “Sociedade dos Três Irmãos” e regularizaram a situação fiscal da firma: puseram “Manuel Mamede” – que era o mais velho – “e Irmão Lda.” e fizeram uma sociedade de barcos que era a “Mamedes Lda.”. Funcionavam autonomamente embora com a mesma gerência. Mas, em 1963 – que foi no ano em que morreu o meu tio Manuel, que era o meu padrinho de baptismo e de casamento –, entrámos para a Sociedade dos Mamedes cinco familiares ou seja, três do lado do meu pai e dois do lado do meu padrinho: o José e o António e eu, o Floriano e o Fernando. Era quem fazia parte da Sociedade e que se mantém até hoje.

Felizmente, nós tivemos um grande movimento porque o meu padrinho teve a ideia de, em 1938, quando tinha cinco ou seis barcos, abrir um estabelecimento lá em cima ao pé da Fortaleza. Eram aprestos marítimos; mercearias e aprestos marítimos. Cabos, fios, redes, inclusive uma representação de motores. Vendíamos também o gasóleo para os barcos poderem ir à pesca, éramos concessionários da Shell. Tudo o que era necessário para a indústria da pesca nós tínhamos no nosso estabelecimento.

Foi lá que eu entrei com 10 anos para o escritório e com 12 para a loja. O meu pai, no dia seguinte a eu fazer o exame da quarta classe mandou-me ter com o meu tio ao escritório e lá estive 70 anos. Entre os 10 e os 14 anos também tirei um Curso Elemental de Comércio, numa escola que havia cá em Peniche que era o Instituto D. Luis de Ataíde. Passado algum tempo passei para o escritório novamente e então passei a fazer as contas das companhias, não é? Fazíamos quinzenalmente.

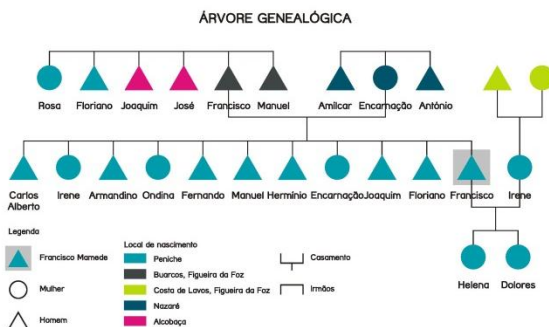
Eu com 6, 7 anos já ia ao mar com o meu pai e depois eu queria continuar a pescar. Mas o meu pai como abriu uma loja em 1938... Os armadores faziam todos os possíveis para que os filhos não... para os retirar do mar.

Fui empregado da loja, fui empregado do escritório, vendi peixe na loja durante muitos anos, tanto de dia como de noite. Era a venda do peixe na loja [das traineiras da firma e em representação] e, depois, pagávamos as despesas que o barco fazia e escrevíamos para o armador a dar contas do que o barco tinha feito e, no fim da quinzena, mandávamos o saldo das importâncias que conseguiam. Fui vendedor talvez entre 1950 até 1970.

Depois do 25 de Abril formou-se a Associação de Armadores e eu, claro, estive que andar à frente das coisas também. Era o Presidente da ACAPE. Primeiro e único, porque mais tarde formou-se a AMAP e então dissolveu-se a ACAPE.

Era uma espécie de faz tudo. Tanto me atirava ao trabalho no escritório, na contabilidade, como aviava na loja e fazia também a venda do peixe, não é?

Seria uma das muitas pessoas ligadas à pesca, não saberia fazer outra coisa.



“O mar dá-me vida.”

ÂNGELA MARIA SANTOS FERREIRA PAQUETE Peniche, 46 anos

Sai da escola com 14 anos. Fui para um barco atar as redes. O que nós ganhávamos era o quinhão do peixe, o cabaz de peixe. Nessa altura era, para os aprendizes. Depois, fomos para um armazém, com a tal senhora Mila. Deixei de ir para o barco, fui trabalhar com ela no armazém. Quando era preciso ir para os barcos ela é que estipulava as meninas para irem. Estive lá por volta de dois anos, dois anos e tal. Depois saí para ir para a [Fábrica de Conservas de Peixe] Júdice Fialho.

Estive na Júdice Fialho uns três ou quatro anos, depois fui para casa. Para a Júdice Fialho entrei com 16 anos, nessa altura. Saí dali, fui para a Exportadora – que era uma fábrica que havia onde há agora o Intermarché. Entrou em falência e eu saí. Depois fui para outra, que é onde era antes o Algarve Exportador, chegou a ser Manuel Restelo. Também saí porque ia só para lá empapelar à noite. Saí e voltei novamente para a Maria Elisabeth – aí já era Maria Elisabeth.

Quando nós entrávamos, que éramos as aprendizes, íamos fazer isso tudo. Foi descarregar os carros, foi começar a dar grelhas, a dar lata. Quando fui lá trabalhar novamente eram as mesas de pedra, vinham os carros com o peixe, nós é que descarregávamos os carros, trazíamos os peixes para as senhoras engrelharem: descabeçar, tirar a espinha, engrelhar, meter nos carrões, ir para os cozedores. Depois do peixe já estar cozido, ia para as mesas para as mulheres enlatarem, nós dávamos as grelhas, nós dávamos a lata e ali estávamos. As visitadeiras é que iam ver a lata, levavam para a cravadeira em pilhas, com medo de cair. Depois, era cravar. Ia para cestos. Ia para a esterilização. Depois iam bater a lata ver se estava boa e depois é que era embalada em caixinhas.

Não é nada daquilo que é agora. Nessa altura não havia aqueles corredores que há agora. Depois é que começou a haver as máquinas de descabeçar. Já não era as visitadeiras a levar a lata, seguia logo pelas linhas para o cozedor e do cozedor para a cravadeira.

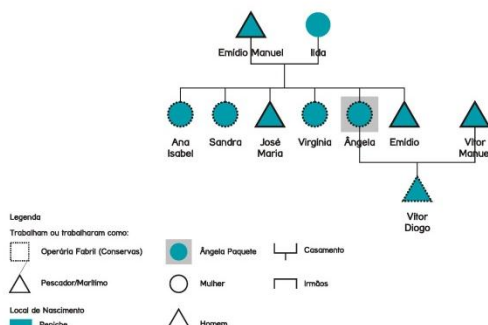
Ainda estive uns quatro anos no cozedor, eu e uma irmã minha. Tirávamos o peixe do cozedor, fazíamos em cruz, pilhas, que era para ir para os tabuleiros para ir à cravadeira. Era cravado, depois é que ia aos cestos para ir à esterilização novamente.

Cheguei também a fazer o peixe cru, que era peixe quase do nosso tamanho. Tiramos a pele em cru, tiramos a espinha. Também estive no atum cozido, a tirar o sangacho. Também cheguei a fazer salmão. E actualmente estou no armazém, no embalamento.

Moro num bairro operário que é o Bairro do Calvário, mas também vivi muitos anos no Bairro da Prageira. A Prageira também era ligada ao Fialho.

O meu pai era pescador de traineira, pescador da lagosta, o que nós chamamos pescador das viagens. O mais velho [dos irmãos] é o Emídio que também era marítimo; eu, operária fabril; a seguir era a mana, que já faleceu, também era operária fabril; a seguir é um mano que também é marítimo, José Maria; a seguir, Sandra, que trabalha num lar mas também trabalhou na fábrica; e a Ana Isabel que também trabalhou lá na Idal. Casei-me com um marítimo, também. Tenho um filho, Vítor Diogo, que também já trabalhou na indústria conserveira.

ÁRVORE GENEALÓGICA





exposição

eu e o mar

Profissões Tradicionais de Peniche

FICHA TÉCNICA

Coordenação: Rui Venâncio

Concepção, entrevistas e texto: Raquel Janeirinho

Expografia: Raquel Janeirinho, Jorge Martins e Joaquim Meireles

Montagem: Jorge Martins e Ana Rita Vaza

Digitalização de imagens: Patrícia Dias

Concepção gráfica: Cristina Mamede, Gabinete de Imagem da CMP

Impressão: DL Publicidade

Esta exposição foi possível graças à especial colaboração, disponibilidade, empenho e simpatia de Ângela Paquete, Ermelinda Martins, Francisco Mamede, José Maria Cativo, José Maria Pereira e Olívia Borges.

Organização: Pelouro da Cultura – Câmara Municipal de Peniche

In memoriam Francisco Mamede (1926-2011)